

# Segurança

## CHACINA DE CAMARAGIBE

# Tenentes-coronéis deram ordens para série de assassinatos, aponta MPPE

Relatório detalha como teriam agido os 12 policiais que se tornaram réus por participação nas mortes de familiares de um suspeito de matar dois PMs, em setembro de 2023

RAPHAEL GUERRA

Novos detalhes da investigação realizada por uma equipe de promotores do Ministério Público de Pernambuco (MPPE) reforçam a tese de que dois tenentes-coronéis lideraram a “operação” que resultou em uma sequência de assassinatos após as mortes de dois policiais militares em Camaragibe, no Grande Recife, em setembro de 2023.

O caso, que ficou conhecido nacionalmente como a Chacina de Camaragibe, ganhou um novo capítulo na última quinta-feira, após a Justiça aceitar a denúncia do MPPE contra 12 PMs, incluindo três oficiais. Agora, o grupo se tornou réu pelo crime de triplo homicídio duplamente qualificado (motivo torpe e sem chance de defesa das vítimas).

A 1ª Vara Criminal da Comarca de Camaragibe expediu intimações para todos eles, para que ofereçam defesa por escrito. Após o prazo, será feito o agendamento da primeira audiência de instrução do processo.

OJC teve acesso à íntegra da denúncia encaminhada pelo MPPE à Justiça. No documento, os promotores destacam que a ação policial teve início após as mortes do soldado Eduardo Roque Barbosa de Santana, de 33 anos, e do cabo Rodolfo José da Silva, 38, que foram até o bairro de Tabatinga verificar a denúncia de que um homem estaria



Cinco dos 12 policiais militares foram presos em dezembro do ano passado

em cima de uma laje realizando disparos de arma de fogo, na noite de 14 de setembro.

Quando os policiais chegaram ao local, houve troca de tiros com o vigilante Alex da Silva Barbosa, que teria feito Ana Letícia Carias da Silva, de 19 anos, de escudo humano. Os dois PMs morreram, e Alex conseguiu fugir. Além de Ana (que morreu semanas depois no IMIP), o primo dela, de 14 anos, foi baleado, mas sobreviveu.

### ORDENS PARA EXECUÇÕES

Após tomarem conhecimento das mortes dos PMs, o então comandante do 20º Batalhão da PM, tenente-coronel Fábio Roberto Rufino da Silva, e Marcos Túlio Gonçalves Martins Pacheco, que ocupava o segundo posto de comando da inteligência da PM, teriam acionado vários PMs para dar início à perseguição do suspeito, Alex, e de familiares dele.

“Os denunciados tenente-coronel Marcos Túlio e tenente-coronel Rufino convocaram os denunciados e outros policiais, de serviço e de folga, para reunião realizada nas proximidades da

FOP (Faculdade de Odontologia de Pernambuco), tendo estes sido propositalmente orientados e autorizados a comparecerem ao local em veículos sem placas, viaturas descaracterizadas, com vestimentas à paisana, utilizando balaclavas, fortemente armados, com armas ‘cabrito’ (não-oficiais), para realizarem a missão de caçada a Alex e seus familiares, no intuito de matá-los, em vingança à morte dos dois policiais, ocorrida horas antes”, descreve o MPPE.

O relatório da investigação aponta que os tenentes-coronéis “participaram intensamente das trocas de mensagens entre os policiais, em que eram passadas informações a respeito dos familiares de Alex, bem como dele próprio”. Diz ainda que “em nenhum momento, antes ou depois dos bárbaros homicídios praticados, os denunciados Marcos Túlio e Fábio Rufino expressaram desacordo ou contrariedade com as ilegalidades praticadas durante a preparação das execuções”.

“Em verdade, tinham plena consciência do que estava acontecendo. E mais, após os crimes, o que se viu foram ações tenden-

tes ao acobertamento dos delitos ou proteção aos executores”, pontua o MPPE, que destacou que a quebra de sigilo telefônico e telemático foram fundamentais no esclarecimento dos fatos.

### SEQUÊNCIA DE ASSASSINATOS

Logo após a reunião entre os policiais militares, foram executados a tiros três irmãos de Alex, identificados como Ágata Ayanne da Silva, 30, Amerson Juliano da Silva e Apuynã Lucas da Silva, ambos de 25. Ágata chegou a transmitir ao vivo, por meio do Instagram, o crime. Ela e Amerson morreram na hora. Apuynã faleceu após ser socorrido e encaminhado para o Hospital da Restauração, no Recife.

A denúncia do MPPE é referente justamente a esses três assassinatos iniciais.

Além dos dois tenentes-coronéis citados na reportagem, também viraram réus por suposta participação nesses crimes:

João Thiago Aureliano Pedrosa Soares, 1º tenente; Paulo Henrique Ferreira Dias, soldado; Leilane Barbosa Albuquerque, soldado; Emanuel de Sou-

za Rocha Júnior, soldado; Dorival Alves Cabral Filho, cabo; Fábio Júnior de Oliveira Borba, cabo; Diego Galdino Gomes, soldado; Janecléia Izabel Barbosa da Silva, cabo; Eduardo de Araújo Silva, 2º sargento; Cesar Augusto da Silva Roseno, 3º sargento.

Cinco desses policiais estão presos preventivamente: Paulo Henrique, Dorival Alves, Leilane Barbosa, Emanuel e Fábio Júnior. Os outros foram afastados dos cargos que ocupavam na época do crime, mas seguem trabalhando na PM.

Fábio Roberto Rufino da Silva, inclusive, passou a comandar outro batalhão da PM, no Recife, mesmo após ser afastado do 20º BPM pela Justiça.

A Secretaria de Defesa Social (SDS) informou que, assim que for notificada da denúncia, os réus serão afastados das atividades.

As defesas dos réus ainda não se pronunciaram sobre a denúncia do MPPE.

### OUTRAS INVESTIGAÇÕES EM ANDAMENTO

O MPPE e a Polícia Civil seguem investigando o caso, porque outras pessoas foram assassinadas, inclusive Alex.

Por volta das 9h de 15 de setembro, os corpos da mãe de Alex, Maria José Pereira da Silva, e da esposa dele, Maria Nathalia Campelo do Nascimento, 27, foram achados num canal na cidade de Paudalho, Mata Norte do Estado.

Duas horas depois, Alex foi morto em Tabatinga. A PM alegou que houve uma abordagem e que ele teria reagido, resultando na troca de tiros.

A Polícia Civil e o MPPE também precisam esclarecer como foi a dinâmica das mortes dos PMs. Havia uma suspeita de que Alex poderia ter contado com ajuda de outra pessoa.

Não há prazo para conclusão das investigações e para o envio de novas denúncias à Justiça.

# Segurança

## VIOLÊNCIA POLICIAL

# Diálogos mostram comemoração de PMs após chacina em Camaragibe: "Tô feliz, tem que ser assim"

Relatório da inteligência da Polícia Civil, obtido com exclusividade pelo JC, comprova que policiais participaram de assassinatos após mortes de dois colegas de farda, em setembro de 2023

RAPHAEL GUERRA

Um relatório do núcleo de inteligência da Polícia Civil de Pernambuco, obtido com exclusividade pela coluna *Segurança*, do **Jornal do Commercio**, revela detalhes da participação de policiais militares na chacina de Camaragibe, no Grande Recife, ocorrida em setembro de 2023. Há, inclusive, diálogos com a comemoração de alguns deles.

O documento, produzido a partir da quebra dos sigilos telefônico e telemático de parte dos investigados, foi fundamental para que o Ministério Público de Pernambuco (MPPE) decidisse denunciar 12 PMs à Justiça na semana passada. O grupo se tornou réu por triplo homicídio duplamente qualificado (motivo torpe e sem chance de defesa das vítimas). Mas o caso segue sob investigação porque outros assassinatos ainda não foram esclarecidos (relembre mais abaixo).

Em um dos áudios enviados por meio de WhatsApp, transcritos pelo núcleo de inteligência, um policial militar incentivava que o grupo faça a caçada ao vigilante Alex da Silva



Assassinatos chegaram a ser transmitidos ao vivo, por meio de uma rede social, e chocaram o País

Barbosa, suspeito de atirar e matar o soldado Eduardo Roque Barbosa de Santana, de 33 anos, e o cabo Rodolfo José da Silva, 38, no bairro de Tabatinga, na noite de 14 de setembro.

*"Independente de qualquer coisa, meu véio, tem que fazer igual aos nossos irmãos do Sertão, quando pega, tora essas desgraças. Pode trocar tiro com a gente e deixar esses vermes vivos não, pra chegar na cadeia, se vangloriando, que tirou a vida de dois companheiros, dois pais de família, tem que torar, tem que pegar essas desgraças (...). Não atira na cabeça não, atira no tórax, debaixo da axila, de lado, meu irmão, atira no pulmão dele e socorre, deixa ele tomar no (...), o satanás levar essas desgraças."*

No documento, a equipe do núcleo de inteligência

ressalta que, na transcrição, "já se mostra a intenção de alguns policiais de não irem para a situação para prender ou tratar o caso de forma lícita e, sim, a realização de uma suposta vingança. Comenta ainda no local dos disparos que não sejam feitos na cabeça, possivelmente para não parecer execução".

### REUNIÃO PARA DEFINIR SEQUÊNCIA DE ASSASSINATOS

Conforme denúncia do MPPE, após tomarem conhecimento das mortes dos PMs, o então comandante do 20º Batalhão da PM, tenente-coronel Fábio Roberto Rufino da Silva, e Marcos Túlio Gonçalves Martins Pacheco, que ocupava o segundo posto de comando da inteligência da PM, teriam acionado vários militares para dar

início à perseguição a Alex e aos familiares dele.

"Os denunciados tenente-coronel Marcos Túlio e tenente-coronel Rufino convocaram os denunciados e outros policiais, de serviço e de folga, para reunião realizada nas proximidades da FOP (Faculdade de Odontologia de Pernambuco), tendo estes sido propositalmente orientados e autorizados a comparecerem ao local em veículos sem placas, viaturas descaracterizadas, com vestimentas à paisana, utilizando balaclavas, fortemente armados, com armas 'cabrito' (não-oficiais), para realizarem a missão de caçada a Alex e seus familiares, no intuito de matá-los, em vingança à morte dos dois policiais, ocorrida horas antes", descreve o MPPE.

Outro áudio analisado pelo serviço de inteligência da Polícia Civil reforça que houve a reunião entre os policiais.

*"Todo, todo, tem meio mundo de carro a paisana aqui, serviço de inteligência e umas viaturas do Bope e do RP (Radiopatrulha) dando apoio. Ai a gente, a ideia é a gente chegar lá na situação, fazer. (...) Ai depois a equipe ostensiva chega para dar apoio."*

A equipe de inteligência traduziu o diálogo: "Por vezes o termo 'fazer' é utilizado no jargão criminoso/policial como 'MATAR'. Pode se extrair da mensagem que a ideia seria 'matar' as pessoas e, depois, as equipes ostensivas chegariam para assumir oficialmente a ocorrência e os trâmites legais".

Continua na próxima página

REPRODUÇÃO

# Segurança

## VIOLÊNCIA POLICIAL

# “Mata o pai dele, mata a mãe dele e quem tiver mais da família”

TV JORNAL/REPRODUÇÃO

Continuação

### “É DENTE POR DENTE”

Os diálogos entre os policiais seguem:

“Mata o pai dele, mata a mãe dele e quem tiver mais da família, pronto, deixa ele, deixa ele ficar pegando em fio elétrico.”

“Sei que a vida dos companheiros não vai trazer mais, porém, ele vai se entregar? Ele ia tomar no (...) porque o pai dele, a mão dele e quem tivesse mais na casa, tchau pra o louro, é assim numa guerra a gente não pode poupar ninguém, não, é assim numa guerra a gente não pode poupar ninguém, é dente por dente, fogo por fogo, meu filho (...)”

“(...) A gente já conseguiu pegar a mulher dele aqui, já tava saindo da favela de uber. Aí a gente tá trabalhando ela aqui pra ver se dá onde ele tá. Me parece que ele tá querendo se entregar.”

Para o serviço de inteligência, os policiais estão se referindo à companheira de Amerson Juliano da Silva, irmão de Alex. A mulher teria sido torturada pelos militares como forma de pressionar parentes do suspeito.

Pouco depois, Amerson e outros dois irmãos de Alex, Ágata Ayanne da Silva e Apuynã Lucas da Silva foram executados a tiros. Ágata chegou a transmitir ao vivo, por meio do Instagram, o crime. Ela e Amerson morreram na hora. Apuynã faleceu após ser socorrido e encaminhado para o Hospital da Restauração, no Recife.

Os 12 PMs viraram réus justamente por esses três assassinatos.

### CELEBRAÇÃO APÓS CRIMES

Outro áudio, atribuído à soldado Leilane Barbosa Albuquerque, diz: “Zerou, acabou, zerou, foi eu que mandei a foto



Cinco dos 12 policiais militares que viraram réus foram presos em dezembro do ano passado

para o senhor”.

Para o serviço de inteligência, a mensagem significa que os crimes já teriam sido executados e que os policiais estariam voltando do local.

“Eu tô feliz, pô, tem que ser assim mesmo, pô, mexeu com a gente, a gente tem que ir, matar pai, mãe, família, quem tiver, tem que matar mesmo, (...), tem que botar pra (...) mesmo, tem que arregaçar. (...) pense na alegria, hoje o inferno tá feliz.”

Em outro diálogo, conforme aponta o serviço de inteligência, o soldado Emanuel de Souza Rocha Júnior demonstra tranquilidade após a sequência de assassinatos.

“Oxe, pelo que tô vendo vai ser de boa, visse? A gente ajeitou as coisas aí, muito coronel junto aqui também na situação. (...) Todo mundo a favor, todo mundo parabenizando, no DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa), todo mundo a favor, tá bem padrão a situação toda, de forma geral.”

O serviço de inteligência traduziu o sentimento do PM. “Demonstra tran-

quilidade por acreditar que não haverá repercussão criminal. Afirma que tinha muitos coronéis junto na situação, além disso teriam apoio popular e até no DHPP.”

### “SERVIÇO FOI BEM FEITO”

No diálogo entre os soldados, a comemoração continuou.

“Eu pensei, amor, que hoje a gente ia comer, tomar alguma coisa para relaxar, a gente merece, o serviço foi bem feito, aí eu pensei nisso, uma pernoite lá aquele lugar.”

Para o serviço de inteligência, o soldado Rocha Júnior sugeriu, em áudio, uma comemoração com a soldado Leiane “em referência às mortes ocorridas”.

### OS RÉUS NO PRIMEIRO PROCESSO

Além dos dois tenentes-coronéis citados na reportagem, também viraram réus por suposta participação nesses crimes:

- João Thiago Aureliano Pedrosa Soares, 1º tenente;

- Paulo Henrique Ferreira Dias, soldado;
- Leilane Barbosa Albuquerque, soldado;
- Emanuel de Souza Rocha Júnior, soldado;
- Dorival Alves Cabral Filho, cabo;
- Fábio Júnior de Oliveira Borba, cabo;
- Diego Galdino Gomes, soldado;
- Janecléia Izabel Barbosa da Silva, cabo;
- Eduardo de Araújo Silva, 2º sargento;
- Cesar Augusto da Silva Roseno, 3º sargento.

Cinco desses policiais estão presos preventivamente: Paulo Henrique, Dorival Alves, Leilane Barbosa, Emanuel e Fábio Júnior. Os outros foram afastados dos cargos que ocupavam na época do crime, mas seguem trabalhando na PM.

As defesas dos réus ainda não se pronunciaram sobre a denúncia do MPPE.

### INVESTIGAÇÕES AINDA EM ANDAMENTO

Após esclarecerem os assassinatos dos três irmãos de Alex, o MPPE

e a Polícia Civil seguem investigando o caso para identificar os autores dos outros crimes.

Por volta das 9h de 15 de setembro, os corpos da mãe de Alex, Maria José Pereira da Silva, e da esposa dele, Maria Nathalia Campelo do Nascimento, 27, foram achados num canavial na cidade de Paudalho, Mata Norte do Estado.

Duas horas depois, Alex foi morto em Tabatinga. A PM alegou que houve uma abordagem e que ele teria reagido, resultando na troca de tiros.

A Polícia Civil e o MPPE também precisam esclarecer como foi a dinâmica das mortes dos dois PMs. Havia uma suspeita de que Alex poderia ter contado com ajuda de outra pessoa. Na ocasião, ele teria feito Ana Letícia Carias da Silva, de 19 anos, de escudo humano. A mulher foi baleada e morreu, semanas depois, no Imip.

Não há prazo para conclusão das investigações e para o envio de novas denúncias à Justiça.

# Segurança

## VIOLÊNCIA POLICIAL

**Tenente-coronel Fábio Roberto Rufino da Silva estava à frente do 12º BPM, após Justiça mandar retirá-lo do 20º. Defesa diz que não há provas contra ele**

**RAPHAEL GUERRA**

Quatro dias após a Justiça aceitar a denúncia do Ministério Público de Pernambuco (MPPE), o tenente-coronel Fábio Roberto Rufino da Silva deixou o comando do 12º Batalhão da Polícia Militar. O oficial virou réu por triplo homicídio duplamente qualificado no processo relacionado à chacina de Camaragibe, no Grande Recife, ocorrida em setembro de 2023.

A portaria dispensando o tenente-coronel do comando do 12º Batalhão foi publicada no boletim interno da Secretaria de Defesa Social (SDS) ontem. No lugar dele, assume o tenente-coronel Davidson Michel Ramos da Cunha.

“Já estavam programadas mudanças nos batalhões da PM. Agora, com a decisão do recebimento da denúncia na Justiça, ele (Rufino) deixou o comando do batalhão. Mas segue trabalhando na corporação”, afirmou o secretário Alessandro Carvalho, em entrevista ao **JC**.

Documentos obtidos pelo **JC** apontam que o nome do tenente-coronel já circulava na lista de investigados pelo Grupo de Operações Especiais (GOE), da Polícia Civil, nas semanas seguintes à sequência de assassinatos, ocorridos em 14 e 15 de setembro de 2023, após as mortes do soldado Eduardo Roque Barbosa de Santana, de 33 anos, e o cabo Rodolfo José da Silva, 38, durante uma ocorrência no bairro de Tabatinga.

Mesmo assim, o tenente-coronel foi mantido no comando do 20º Batalhão, em Camaragibe. Em dezembro do mesmo ano, a pedido do MPPE, a Justiça decidiu que ele deveria ser afastado do cargo para não atrapalhar as investigações. Na ocasião, inclusive, outros cinco policiais, de outras patentes, foram presos. O então coman-

# Réu por homicídios em Camaragibe, oficial deixa comando de batalhão da PM

REPRODUÇÃO



Chacina de Camaragibe, em setembro de 2023, chocou o País

dante geral da PMPE, Tibério César dos Santos, no entanto, apenas trocou Rufino para o 12º Batalhão.

### TENENTES-CORONÉIS NO COMANDO

As investigações conduzidas pelo MPPE apontaram que Fábio Roberto Rufino teria sido um dos comandantes dos assassinatos ocorridos após as mortes de dois PMs. Ele e o também tenente-coronel Marcos Túlio Gonçalves Martins Pacheco, que ocupava o segundo posto de comando da inteligência da PM, teriam acionado vários PMs para dar início à perseguição do suspeito, Alex da Silva Barbosa, e de familiares dele.

O relatório da investigação do MPPE aponta que os tenentes-coronéis “participaram intensamente das trocas de mensagens entre os policiais, em que eram passadas informações a respeito dos

familiares de Alex, bem como dele próprio”. Diz ainda que “em nenhum momento, antes ou depois dos bárbaros homicídios praticados, os denunciados Marcos Túlio e Fábio Rufino expressaram desacordo ou contrariedade com as ilegalidades praticadas durante a preparação das execuções”.

### DEFESA NEGA ACUSAÇÕES

Em nota divulgada à imprensa nesta terça (12), a defesa dos tenentes-coronéis disse que recebeu “com surpresa e indignação as matérias que estão sendo levadas à opinião pública pela mídia, que lhe atribuem participação no caso dos crimes ocorridos em Camaragibe, na esteira das diligências encetadas para a prisão de um acusado pela morte de dois policiais militares”.

Ainda segundo a nota, são “inverídicas e irrespon-

sáveis as afirmações acerca da existência de áudios ou quaisquer tipos mensagens do telefone ou para o Ten Cel Fábio Rufino, com qualquer ordem ou orientação no sentido de quaisquer ações ou omissões criminosas no referido caso. Também não é verdade que tenha participado de qualquer reunião, ou briefing para orientar quaisquer efetivos policiais nas ações sob investigação”.

A nota é assinada pelos advogados Jethro Ferreira da Silva Júnior, Cezar Jorge de Souza Cabral, Vilmarde Barbosa da Costa e Isaac da Veiga Souza.

### ENTENDA O CASO

Na quinta-feira, a Justiça aceitou a primeira denúncia do MPPE contra 12 PMs, incluindo três oficiais. O grupo se tornou réu pelo crime de triplo homicídio duplamente qualificado (motivo torpe e sem chance de defesa das

vítimas).

O processo é referente aos assassinatos de três irmãos de Alex: Ágata Ayanne da Silva, 30, Amerson Juliano da Silva e Apuynã Lucas da Silva, ambos de 25. Ágata chegou a transmitir ao vivo, por meio do Instagram, o crime.

A 1ª Vara Criminal da Comarca de Camaragibe expediu intimações para todos eles, para que ofereçam defesa por escrito. Após o prazo, será feito o agendamento da primeira audiência de instrução do processo.

Além dos dois tenentes-coronéis citados na reportagem, também viraram réus:

João Thiago Aureliano Pedrosa Soares, 1º tenente; Paulo Henrique Ferreira Dias, soldado; Leilane Barbosa Albuquerque, soldado; Emanuel de Souza Rocha Júnior, soldado; Dorival Alves Cabral Filho, cabo; Fábio Júnior de Oliveira Borba, cabo; Diego Galdino Gomes, soldado; Janecléia Izabel Barbosa da Silva, cabo; Eduardo de Araújo Silva, 2º sargento; Cesar Augusto da Silva Roseno, 3º sargento.

Cinco deles estão presos: Paulo Henrique, Dorival, Leilane, Emanuel e Fábio Júnior.

### INVESTIGAÇÕES

OMPPE e a Polícia Civil seguem investigando o caso, porque Alex e outros familiares também foram assassinados.

Por volta das 9h de 15 de setembro, os corpos da mãe de Alex, Maria José Pereira da Silva, e da esposa dele, Maria Nathalia Campelo do Nascimento, 27, foram achados num canavial na cidade de Paudalho, Mata Norte do Estado.

Duas horas depois, Alex foi morto em Tabatinga. A PM alegou que houve uma abordagem e que ele teria reagido, resultando na troca de tiros.

A Polícia Civil e o MPPE também precisam esclarecer como foi a dinâmica das mortes dos PMs. Havia uma suspeita de que Alex poderia ter contado com ajuda de outra pessoa.

# Segurança

## DIREITOS HUMANOS

# Da “legítima defesa” ao homicídio: em um ano, MPPE avançou no combate à violência policial

Diante de imprecisões apresentadas nos inquéritos, grupo de promotores deu maior foco ao acompanhamento e esclarecimento dos casos

RAPHAEL GUERRA

Em meio ao crescimento das mortes decorrentes de intervenções policiais em Pernambuco no ano de 2023, um grupo formado por promotores do Ministério Público de Pernambuco (MPPE) conseguiu avançar em investigações e desmistificar uma tese ainda tão comum na conclusão dos inquéritos: a de legítima defesa.

Casos foram reavaliados, diligências foram cobradas, depoimentos infundados foram derrubados e resultados apontaram para outros caminhos. Em um ano, vários policiais militares, de diferentes batalhões, foram denunciados à Justiça por homicídio qualificado, porque, em geral, mataram por motivo fútil e sem dar chance de defesa às vítimas.

A sugestão de ser dada mais atenção às investigações, logo após a ocorrência e antes de ser fixado o promotor natural, partiu da promotora Helena Martins, então coordenadora do Centro de Apoio Operacional de Defesa Social e Controle Externo da Atividade Policial do MPPE. Para ela, isso permitiria um acompanhamento do trabalho da Polícia Civil desde o primeiro momento da coleta dos indícios para fortalecer o inquérito.

“Vi que era preciso dar voz a quem não tinha e escolher frentes. Escolhi



Mortes em ações policiais cresceram 30,4% em Pernambuco no ano passado, segundo a SDS

ajudar a vencer silêncios históricos e ir contra as estatísticas que mostram que a população negra, jovem e moradora de periferias vem sendo exterminada há muitos anos”, disse.

O trabalho do MPPE ganhou mais evidência, na última semana, após a Justiça aceitar denúncia contra 12 policiais militares, incluindo três oficiais, por triplo homicídio duplamente qualificado relacionado ao caso que ficou conhecido como a chacina de Camaragibe, ocorrida em setembro de 2023.

Provas colhidas pelo Grupo de Operações Especiais (GOE), da Polícia Civil, e pelo MPPE indicaram a participação direta dos PMs na execução de três irmãos de um homem suspeito de matar dois militares durante uma ocorrência no bairro de Tabatinga. Outras investigações seguem em andamento para esclarecer as execuções de outros familiares do suspeito, que também foi morto.

### ACOMPANHAMENTO DAS INVESTIGAÇÕES

Há um ano, sob a liderança de Helena Martins, seis promotores de Justiça passaram a fazer parte do Grupo de Atuação Conjunta Especializada (Gace) e Controle Externo, voltado, prioritariamente, ao acompanhamento e análise das investigações das mortes ocorridas em ações de profissionais da segurança.

“A nossa decisão foi focar no acompanhamento de casos concretos e no estudo desses casos para estabelecer protocolos e apontar um modelo permanente para o controle da atividade policial”, explicou Helena Martins.

Logo no início, chamou a atenção algumas imprecisões apresentadas pelos inquéritos policiais, principalmente pelo temor que testemunhas e familiares de vítimas tinham e têm de retaliações.

O acompanhamento do MPPE nessa etapa da in-

vestigação permitiu, em alguns casos, que testemunhas passassem a contribuir com as suas versões sobre os casos.

“Muitos promotores de Justiça têm dificuldade na análise dos inquéritos que já vêm com a conclusão de legítima defesa e veem poucas possibilidades do que fazer após aquele resultado. Algumas investigações demoram meses para serem remetidas e isso dificulta ainda mais”, disse.

“Com a criação do Gace, passamos a fazer o acompanhamento dos casos desde o momento em que tomamos conhecimento deles. A Secretaria de Defesa Social (SDS) tem a obrigação de comunicar, em 24 horas, as ocorrências de letalidade policial ao MPPE. O promotor natural passa a acompanhar e pode, evidentemente, pedir o apoio da Gace”, completou.

De acordo com a SDS, 120 mortes por intervenções policiais foram so-

matadas em 2023. No mesmo período do ano anterior, foram 92. O aumento foi de 30,4%. É importante reforçar que parte dos óbitos foi, sim, ocasionado por legítima defesa.

### MORTE DE INDÍGENA NO INTERIOR FOI ESCLARECIDA

A morte do indígena Edvaldo Manoel de Souza, de 61 anos, em Carnaubeira da Penha, no Sertão de Pernambuco, foi um dos casos investigados pelo MPPE.

O óbito ocorreu em 15 de junho de 2022. Na ocasião, o indígena da etnia Atikum foi abordado por policiais militares que procuravam uma espingarda de cartucho na Aldeia Olho D'Água do Padre. Na época dos fatos, os PMs relataram que a vítima havia passado mal e morrido.

Inicialmente, a Polícia Civil opinou pelo arquivamento do caso. Mas o MPPE não concordou.

Continua na próxima página

# Segurança

## DIREITOS HUMANOS

# Reforço nas investigações resultou em denúncias à Justiça

AMCS MPPE

### Continuação

Segundo denúncia enviada à Justiça, os cabos Marcos Murilo Guerra de Araújo e Daniel Rodrigues Araújo foram à casa do indígena “sem que houvesse mandado judicial ou qualquer elemento indicativo de ocorrência de prática de crime no local”.

A investigação apontou que Marcos Murilo deu um tapa no tórax da vítima. Em seguida, os cabos levaram ele para uma construção de taipa (no mesmo terreno), onde tudo foi revirado em busca de objetos ilícitos. Nada foi encontrado.

Na sequência, os policiais levaram Edvaldo para trás de uma capela. Lá, o indígena foi asfixiado até morrer.

Mesmo já sem vida, a vítima foi levada pela PM até a Unidade Mista de Saúde Argemiro José Torres. Um dos filhos da vítima notou que ela apresentava um ferimento na cabeça. Laudos periciais comprovaram sinais de trauma na cabeça e indicativos de asfixia.

Os cabos foram denunciados por homicídio duplamente qualificado (meio cruel e mediante recurso que impossibilitou a defesa da vítima). Não há prazo para julgamento.

### MORTES NA COMUNIDADE DO DETRAN, NO RECIFE

Na noite de 20 de novembro de 2023, uma operação realizada por policiais do Batalhão de Operações Especiais (Bope) na comunidade do Detran, na Iputinga, Zona Oeste do Recife, resultou nas mortes de dois homens.

Uma câmera de segurança filmou o momento em que eles invadiram residência e atiraram várias vezes. Depois, dois corpos enrolados em lençóis são retirados e levados nas viaturas.

As vítimas foram identificadas como Bruno Henrique Vicente da Silva, de 28 anos, e Rhaldney Fernan-



Promotores traçaram estratégias para melhorar investigações relacionadas aos óbitos em ações policiais



Policiais do Bope que mataram dois homens na comunidade do Detran, em novembro de 2023, continuam sendo investigados

des da Silva Caluete, 32. Ambos já chegaram mortos à Unidade de Pronto Atendimento (UPA) da Caxangá.

Logo após os óbitos, os militares do Bope se apresentaram na sede do Departamento de Homicídios e

Proteção à Pessoa (DHPP), no bairro do Cordeiro, e relataram que os homens foram mortos porque reagiram à abordagem.

Eles chegaram a ser liberados após os depoimentos. Mas, após análise das

imagens de uma câmera de segurança, a Delegacia de Polícia Judiciária Militar identificou que a versão dos PMs não se sustentava e determinou que eles fossem autuados pelo crime militar de violação de do-

REPRODUÇÃO

micílio. Seis dos nove militares chegaram a ser presos preventivamente.

Recentemente, a Polícia Civil concluiu que o caso se tratou de legítima defesa e opinou pelo arquivamento. Mas o inquérito está sob análise do MPPE, que ainda não se posicionou se manterá essa tese ou se irá denunciar os PMs por homicídio qualificado.

### MANUAL PARA OUTROS PROMOTORES

Para auxiliar os promotores de Justiça do Estado, um manual está sendo criado pelo Gace com orientações de questionamentos que precisam ser feitos na análise dos inquéritos referentes às mortes em ações da polícia.

“Câmeras de segurança foram periciadas? Testemunhas foram ouvidas ou só os policiais? Há indicativo de fraude processual? Tudo isso precisa ser observado pelos promotores para garantir que a investigação seja isenta e fiel aos fatos”, pontuou Helena Martins.